

Autores do atentado a Sarney serão enquadrados na Lei de Segurança

Foto de Gustavo Miranda

BRASÍLIA — O Palácio do Planalto considerou ontem crime contra a segurança nacional o atentado sofrido na sexta-feira pelo Presidente José Sarney, no Rio de Janeiro. Em reunião com os Ministros militares, pela manhã, concluiu-se que os fatos "constituíram uma demonstração de intolerância e grave ameaça às liberdades democráticas e ao funcionamento normal das instituições e do Governo".

Por determinação de Sarney, a Polícia Federal abriu inquérito para apurar as responsabilidades criminais das pessoas envolvidas, que serão punidas pela Lei de Segurança Nacional. Na reunião de Sarney com os Ministros Leônidas Pires Gonçalves (Exército), Henrique Sabóia (Marinha), Moreira Lima (Aeronáutica), Paulo Campos Paiva (Emfa), Bayma Denis (Gabinete Militar) e Ivan Mendes (SNI), durante mais de uma hora, foi analisado o esquema de segurança montado para as viagens do Presidente e chegou-se à conclusão de que houve falha do sistema de policiamento, o que implicará a tomada de providências para evitar a repetição de tumultos semelhantes.

Os militares deixaram o Palácio do Planalto às 13h15. Logo em seguida, Sarney convocou uma reunião para as 16h15 com o Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, e com o Ministro Aureliano Chaves, dirigente do PFL, para examinarem os aspectos



Sarney deixa Planalto após reunião com militares

políticos do episódio. Meia hora depois da saída dos Ministros militares, o Presidente seguiu para o Palácio da Alvorada. No encontro com os dois líderes da Aliança Democrática, de acordo com a nota oficial, concluiu-se que "a violência organizada é incapaz da convivência democrática e pode prejudicar a transição".

A nota reafirma que é "irreversível o compromisso do Governo Sarney com a liberdade e as liberdades não podem ser utilizadas para destruir a democracia". Depois de ser caracterizada a agressão como "atentado gravíssimo", o Planalto afirmou ter sido patrocinado por um grupo organizado. O Porta-Voz Frota

Netto afastou qualquer relação entre o incidente e o eventual descontentamento com o Novo Plano Cruzado, embora fosse a primeira aparição pública do Presidente após o anúncio das medidas.

— O que houve foi uma manifestação de grupos organizados e uma ameaça ao direito de reunião. O Presidente tem sido tolerante mas é preciso não confundir a capacidade de tolerância do Presidente com fraqueza. A paciência do Governo tem limite e o Governo vai agir na forma da lei — disse Frota Netto.

O Ministro-Chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, afirmou ter sido um "atentado gravíssimo" e lamentou o episódio, ressaltando que até os adversários de Sarney reconhecem que ele está patrocinando a liberdade no País. Segundo o Ministro, o episódio não tem precedentes na história do presidencialismo. Todos os assessores de Sarney disseram que ele correu risco de vida.

O esquema de segurança presidencial será reforçado, mas, apesar do episódio no Rio, o Presidente não deixará de comparecer a eventos em locais públicos, informou Frota Netto. Mais detalhes do caso foram revelados ontem: um deles é o de que Sarney continuou em seu lugar, no banco da frente do ônibus, ao lado da janela quebrada. Apesar dos apelos de D. Marly e de seu médico particular, Messias Araújo, ele só saiu da poltrona depois que o ônibus deixou o Paço Imperial. Frota Netto reproduziu o que o Presidente lhe disse:

— Naquele momento fiz quase uma reflexão sobre o peso da responsabilidade que cabe ao Presidente da República e reafirmei o compromisso que assumi com a Nação brasileira.

O Porta-Voz não identificou onde houve falha de segurança, mas outros assessores lembraram que, em viagens, o policiamento no Estado fica a cargo da autoridade militar federal. No caso do Rio, o Comando Militar do Leste.

A NOTA DO PLANALTO

Governo considera ameaça à liberdade

"O Presidente José Sarney esteve reunido na manhã de hoje com os Ministros da Marinha, do Exército, da Aeronáutica, do Estado-Maior das Forças Armadas, do Gabinete Militar e do Serviço Nacional de Informações. A reunião concluiu-se que os fatos ocorridos ontem na cidade do Rio de Janeiro constituíram uma demonstração de intolerância e grave ameaça às liberdades democráticas e ao funcionamento normal das instituições e do Governo.

"Foram analisadas e reexaminadas as medidas preventivas tomadas pelas autoridades federais e aquelas solicitadas aos Governos estaduais para assegurar a ordem pública, a proteção às autoridades e a liberdade dos cidadãos.

"O Presidente Sarney determinou às autoridades militares que, em suas áreas de responsabilidade, tomassem as providências corretivas pertinentes. Posteriormente, o Presidente da República recebeu o Presidente do PMDB e o Presidente de Honra do PFL, Deputado Ulysses Guimarães e Ministro Aureliano Chaves, para tratar dos aspectos políticos do problema, ressaltando que a violência organizada é incapaz da convivência democrática e pode prejudicar a transição. É irreversível o compromisso do Governo Sarney com a liberdade e as liberdades não podem ser utilizadas para destruir a democracia.

"O Presidente Sarney determinou que fosse aberto inquérito pelo Departamento de Polícia Federal, na forma da Lei nº 7.170, de 14.12.83, para apuração de responsabilidades criminais das pessoas envolvidas e aplicação das sanções legais previstas."

Presidente manteve a calma apesar da violência

BRASÍLIA — Com o corpo coberto por estilhaços de vidro, mal refeito do susto que levou quando a janela do ônibus que conduzia a comitiva presidencial do Paço Imperial, no Centro do Rio, ao Aeroporto, foi atingida por golpes de picareta, o Presidente José Sarney recomendou ao motorista:

— Devagar, não quero ninguém atropelado.

Mais tarde, já no avião em que viajou para Brasília, lembrou uma frase de Venturini Freire, seu ex-adversário político, para expressar a convicção de que o atentado não foi manifestação isolada de um grupo:

— Quando você encontrar um jabuti em cima de uma árvore, pode ter certeza que alguém o colocou lá. Jabuti não sobe em árvore.

E acrescentou:

— Esta não é uma manifestação espontânea. Faixas não andam sozinhas e megafones não gritam palavras insultuosas por si próprios.

Os momentos de perplexidade vividos pela comitiva presidencial foram relatados ontem pelos constituintes Adolfo Oliveira (PL-RJ) e Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), que acompanharam Sarney à Academia Brasileira de Letras e ao Paço Imperial, onde o Presidente concedeu a cantora lírica Bidu Sayó, com o diploma da Ordem Nacional do Mérito. Adolfo de Oliveira contou:

— Foi surpreendente. Ninguém podia imaginar que alguma coisa desta gravidade estivesse para acontecer.

Segundo o relato o ônibus se preparava para deixar o Paço, na Praça XV de Novembro, quando um grupo calculado entre 30 e 50 manifestantes, portando cartazes com dizeres ofensivos ao Presidente Sarney, cercou o veículo. O Presidente contou no Boeing que viu um jovem alto, bastante forte, mulato, que vestia uma jaqueta jeans, fazer um movimento como quem ia tirar de suas roupas algum objeto escondido. Sandra Cavalcanti pensou que fosse uma arma.

No mesmo instante, relatou a Deputada, o jovem começou a desferir golpes de picareta contra a janela junto à qual se sentava Sarney, estilhaçando o vidro, que acabou por ferir a mão do Presidente:

— Sarney ficou impassível. Embora coberto de cacôs, não manifestou qualquer reação, não fez qualquer comentário. A única coisa que disse, logo no primeiro momento, foi a recomendação que fez ao motorista para não correr, já que como a rua estava tomada por gente, as consequências poderiam ser ainda mais dramáticas. O Presidente preocupou-se ainda com o seu ajudante-de-ordens, Capitão Tepedino, que se jogou entre ele e a janela quebrada dizendo "sai daí, rapaz, você pode se machucar".

Segundo Adolfo de Oliveira, antes



Detalhe do ônibus, já vistoriado na garagem da empresa em Barra Mansa

de atingir a janela junto do Presidente Sarney, os manifestantes procuraram agredir o motorista, para impedir que o ônibus se deslocasse do local:

— Cheguei a pensar que o objetivo era mesmo assassinar o Presidente.

De acordo com Sandra Cavalcanti, a segurança armada para a visita do Presidente tanto à ABI quanto ao Paço Imperial foi insuficiente.

— Não vi mais do que meia dúzia de PMs, e alguns agentes à paisana que, curiosamente, correram em sentido contrário ao ônibus, provavelmente para perseguir o agressor. Mas o Presidente continuou completamente exposto.

Os manifestantes levavam cartazes com o nome do ex-Governador Brizola e faixas do PDT, mas nem o Presidente Sarney, nem qualquer membro da sua comitiva fez qualquer insinuação de que, de fato, teria sido ele o inspirador da manifestação.

— Não sabemos quem comandou aquilo, temos certeza de que não é uma manifestação isolada, mas acho muito difícil que Brizola tenha alguma coisa a ver com isso. Acho, e o Presidente Sarney concordou, que deve ter partido de grupos interessados em comprometer Brizola, disse Adolfo de Oliveira.

Sandra Cavalcanti afirmou que não houve pânico ou histeria em nenhum momento: "Ficamos perplexos, é claro. Havia muitas mulheres no ônibus, mas nenhuma deu xilique. Dona Marly, inclusive, comportou-se com uma dignidade surpreendente para a gravidade da situação.

Segundo Adolfo de Oliveira, já no avião, Sarney se mostrou muito tenso. Adolfo e Sandra juntaram com Sarney e procuraram conversar sobre outros assuntos para ajudá-lo a relaxar-se. Mas a tensão era evidente.

— A tensão tem um único motivo. A certeza não manifestada direta-

mente pelo presidente, mas insinuada, de que o objetivo do atentado foi o de provocar um fato político. E provocou. O que ocorreu foi um fato político na sua expressão mais nóbrega, concluiu Adolfo Oliveira.

Quando o ônibus da comitiva começou a ser apedrejado pelos manifestantes, o médico Messias de Araújo gritou, alertando os agentes de segurança de que poderiam atirar no Presidente.

— Estava muito escuro e qualquer um, do meio da multidão, poderia alvejar o Presidente. Além disso, notei que o efetivo policial era insuficiente para conter os manifestantes, contou o médico da Presidência.

Alertados pelos gritos do médico, que viajava na parte traseira, os ajudantes-de-ordem do Presidente tentaram retirá-lo da poltrona, já com o vidro quebrado, mas Sarney resistiu e só concordou em levantar-se quando o ônibus se havia afastado da Praça XV. Mais tarde, na Base Aérea do Galeão, Messias notou um pequeno ferimento no dorso da mão esquerda do Presidente. Como não havia sangue, o médico fez um curativo leve e verificou o estado clínico do Presidente, que estava bem, embora tenso.

Ainda no interior do ônibus, o médico foi chamado a atender o genro e Secretário-Particular do Presidente, Jorge Murad, que sofrera um corte na parte posterior do pescoço e sangrava muito.

— Eu pensei que ele fora alvejado por um tiro, tal o volume de sangue que saía do ferimento — disse Messias.

Enquanto isso os assessores gritavam "cadê a Polícia?". O Chefe do Gabinete Militar, General Rubem Bayma Dennis, responsável pela organização e administração do Serviço de Segurança da Presidência, chegou a perguntar: "Onde está a segurança do Presidente?"

Para Moreira, foi ato de vandalismo

O Governador Moreira Franco mostrou-se ontem ainda preocupado com o tumulto ocorrido nas proximidades do Paço Imperial. Ele explicou que não é contra nenhuma manifestação popular e até consegue tolerar excessos verbais, já que estava ao lado do Presidente José Sarney e ambos ouviram também muitos palavrões dirigidos aos dois.

— Mas não consigo entender o ato de violência praticado naquela noite. Na verdade foi um atentado, uma manifestação de ódio e de vandalismo que não contribuem em nada para a vida democrática. A democracia é ruidosa, mas este tipo de atitude é típico dos fascistas. E nós não queremos isso no Brasil — desabafou o Governador.

Moreira Franco rebateu a acusação do ex-Governador Leonel Brizola que o acusa de não ter impedido que o tumulto prosseguisse, já que poderia utilizar a força policial.

— Parece que ele esqueceu muito rápido que a responsabilidade de manutenção do ordem e da segurança pessoal do Presidente da República é de competência exclusiva da própria Presidência.

Moreira explicou que este tipo de trabalho é realizado pelo Gabinete Civil da Presidência e executado pela Polícia Federal e pela Polícia do Exército.

Segundo ainda o Governador, "qualquer iniciativa da PM só pode ser desencadeada após ordem expressa do oficial do Exército no comando da operação e em momento algum a PM recebeu a incumbência para dispensar a multidão".

Ao opinar sobre medidas que impeçam a repetição de atos semelhantes contra o Presidente em suas próximas visitas ao Rio, o Governador Moreira Franco admite que o próprio Exército, através do Comando do Leste, aumentará o sistema de segurança, modificando e aprimorando a operação.

O Secretário de Polícia Militar, Coronel Manoel Elycio dos Santos Filho, disse ontem que o esquema de segurança do Presidente José Sarney, durante sua visita ao Rio, não foi elaborado pela corporação e que ela atendeu a tudo o que lhe foi solicitado e até a mais. afirmou não concordar que tenha havido falhas na atuação da PM durante os episódios ocorridos na Praça XV:

— Estiveram lá três forças de choque com 80 homens, um Capitão, um Tenente e outras autoridades. As pessoas presentes, assim como as próprias fotografias publicadas nos jornais e as imagens divulgadas pela televisão podem atestar que a PM fez tudo o que tinha de fazer.